S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 8 de janeiro de 1910 — ANNO IV — NUMERO 13

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000
PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 rs.

Apparece aos sabbados

Ruinas e Phantasmas

(A' memoria de Ferrer)

Quando eu contemplo uma parte da humanidade, ainda absorta nas preoccupações *espiritualistas* e *metaphysicas*, quando vejo esse *rebanho* de ignorantes curvados ao peso dos dogmas, quando ouço o vozear sinistro dos cavados sinos a reboar ainda, na atmosphera do presente seculo,—sinto a maior, a mais profunda e a mais inconcebivel das indignações.

A humanidade teve um periodo de infancia: foi aquelle em que a consciencia humana, não podendo explicar os phenomenos do mundo real, não podendo alçar os seus vôos além do horizonte da patria conhecida, não podendo serenamente encarar a aggregação e desaggregação da materia, nas suas multiplas e variadas formas, sentia-se humilhada, sentia-se aniquilada, diante das forças vivas da natureza, que tudo cria, que tudo transforma e que tudo aniquila! Ella não tinha ainda a pujança e desenvolvimento de todos os seus orgãos e por conseguinte de todas as suas faculdades. Era necessario viver, era necessario lutar. A sua vida devia ser eterna como a propria materia, a sua luta gigantesca como o astro que lhe serve de arena.

Ella lutou! No meio dessa luta travada ha milhares de annos, desse combate ferido no seio do mar enorme das pretenções humanas, foram abrolhando como verdadeiras ilhas, o que nós chamamos as *instituições*.

Surgiram os governos nas suas varias formas. O mal tambem se organizou e chamou-se Egreja. O interesse, a discordia, a calumnia, as paixões e o crime fermentaram no bojo desse monstro e dahi uma explosão terrivel esmigalhando-o em seitas!

Appareceram chefes que se diziam inspirados, plenos de má fé, havendo entre elles um laço commum—a degenerescencia. Muitos, intelligentes, colhiam nos principios moraes da epoca maximas que se estratificaram no coração do povo, que as transmittia a seus descendentes, quasi hereditariamente. Em torno delles circundaram as lendas. Foram divinizados; foram chamados Deuses, Espectros errantes, phantasmas agoureiros, corvejavam por sobre a superficie da Terra ainda virgem e não domada pelas mãos do homem, ostentando florestas seculares, sobre as quaes o sol enviava nos seus raios o pollen fecundador das suas odorantes e balsamicas flores. Caíam o fructos: — uma força os attrahia; nadavam carvalhos seculares sobre as aguas dos caudalosos rios:—uma força os suspendia; uma faixa auri-azul esclarecia a espaços o horizonte longinquo nas noites de inverno: — uma combinação se produzia, um enorme éco rebentava no seio do espaço se repercutindo no amago das montanhas: —as camadas atmosphericas se chocovam.

O homem primitivo *Alalus*, intentava abrir a sua bocca e procurava imitar os sons ouvidos ha pouco:—estava descoberta a linguagem que devia produzir as modulações de um canto.

Saltou sobre um tronco que boiava e galgou a outra margem: —estava descoberta a navegação que ligaria os continentes longinquos. . .

Nesse progredir incessante da experiencia, o homem musculo transformava-se no homem intelligencia. Balbuciava as primeiras interpretações dos phenomenos reproduzidos e elevava-se acima da animalidade d'onde havia surgido. A manada dos Deuses fugia diante do azorrague da interpretação; era a sublime festa da intelligencia, que se illuminava no seio das trevas, no seio da escuridão!

Rombos se abriam no espesso véu de brumas, que envolvia a face convulsa da terra e os raios do sol da sciencia illuminavam as intelligencias avidas de progredir.

A terra era sondada através dos oceanos insondaveis de outrora; excavações profundas se faziam no seu seio, trazendo-nos ás mãos as taboas do decalogo das suas evoluções. O tempo era medido para as necessidades da vida, o espaço era calculado revelando-nos as enormes distancias em que nadam milhares de mundos.

O homem tornava-se sublime nas suas conquistas e gargalhava ao reler as velhas cosmogonias de outrora.

Surgiram os tempos modernos. A palavra humana tomava azas e fazia-se condor; a consciencia libertou-se do abutre religião e quando ainda hoje ouço o vozear sinistro dos cavados sinos a reboar na atmosphera do presente seculo, eu murmuro phrases de indignação.

MIGUEL MEIRA.

Sermões ao ar livre

Tomai a Igreja com a sua immensa riqueza e o seu ainda enorme poder politico e examinai em consciencia se o sacerdocio é mais um officio, um mister, um ganha-pão, do que um apostolado e um encargo de almas.

Fazei a psychologia do padre, como se tem feito a de tantas outras classes e profissões: vêde qual é o typo moral, e mesmo physico, que mais frequentemente corresponde a esta especie de negociantes. Considerai como nelles predomina a cupidez, o amor ao ganho, a exploração da crendice e como ganham terreno a luxuria e a obesidade.

Depois dum exame attento da casa de commercio christã e dos caixeiros que ahi servem, comprazei-vos em fazer um contraste comico: em suppor na igreja um exercito idealista de sacrificios e de sublimes evangelizações, no padre o guia espiritual das almas, o guarda heroico da moral e da virtude....

Pois, idealistas, meus irmãos, ha ainda quem forme essa audaciosa concepção.

Da religião, a parte mais escravizada do povo não tem senão superstições grosseiras—materia de exploração; a esperança numa recompensa celeste pelos duros soffrimentos da vida e do despotismo terrestre; e o terror do inferno, excellente instrumento de intimidação e de dominio.

E nesse terreno trabalha o clero, o qual não é formado de anjos, mas de homens. E de homens corrompidos pela riqueza, pelo poder e pela ociosidade. De homens que têm nas mãos os meios de exploração e de dominio.

Os anjos nunca desceram das regiões fantasticas dos ceus; mas os homens collocados em condições de explorar e dominar, abusam da riqueza e do poder. Fazei-os iguaes—e elles serão bons, sociaveis, fraternos; fazei-os senhores e elles empregarão o chicote; fazei-os patrões, e elles farão trabalhar os outros...

Toda instituição, dona do poder e da riqueza, procura dominar, subsistir, viver: lei historica e lei vital. A Igreja sempre verberou com mais furor os crimes de religião do que os crimes contra a moral. Ella não guarda a Moral, mas a Religião; não defende a sociedade, mas a si propria. Para a heresia o sambenito; para a immoralidade o resgate. Contra Ferrer, atheu, a maldição, o improperio, a calumnia; contra o salafrario, mas piedoso Leopoldo II, as bençãos e os louvores.

Em verdade vos digo que, se quereis achar idealistas e apostolos, não os deveis procurar no bento seio de nossa Madre Igreja...

ZENO VAZ.

Correspondencia

Em vista da partida do companheiro Edgard Leuenroth, toda a correspondencia relativa a este jornal deve ser dirigida á redacção, a Neno Vasco.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

A purificação da policia



Foram presos dois guardas surprehendidos no acto de beijarem a mão do santo purificador Bibiano—(*Noticiario dos diarios*).

Contradicções da Biblia

II

(*Continuação*)

Affirmei em meu precedente artigo que um Deus que se arrepende não é Deus; de facto, o Deus da Biblia, alem de se arrepender do que faz, tambem se contradiz a cada instante como é facil de verificar a quem possuir uma Biblia.

***

No cap. IX, v. 6 do *Gene.*, Deus ameaça castigar a todo aquelle que derramar sangue humano; no Deuter., cap. V., v. 17 Deus renova a prohibição; mas no v. 15 deste mesmo Liv., este mesmo Deus ordena a destruição, pelo ferro e pelo fogo, de todos os homens que não creiam nelle; e a mesma recommendação faz no cap. 20, v. 13.

Ao passo que num lugar (*Deuter.*, cap.V, v. 17-19) Deus prohibe terminantemente o roubo e o assassinato, noutro (cap. XX, vv. 12, 13 e 14 do mesmo *Deuter.*), o mesmo Deus ordena assaltos ás cidades e assassinatos em massa, recommendando que os bens dos assassinados sejam repartidos entre os assassinos (vv. 16 e 17 do mesmo cap.)

E' ainda no cap. V, v. 9 do *Deuter.*, que Deus declara que vingará as iniquidades dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração; mas no cap. XXIV, v. 16 do mesmo liv., o mesmo Deus affirma que não castigará os filhos pelas faltas dos pais.

Em quanto Deus permitte ao homem que jure em seu nome (*Deuter.*, cap. XX, v. 20), Christo que é o mesmo Deus, prohibe que se jure até em nome do ceu «porque é o throno de Deus» (*Math.*, cap. V, v. 34).

Segundo o *Deuter.* (cap. XIII, v. 34),Deus tenta os homens para se fazer manifesto se o amam ou não; mas o apostolo Iago (*Epist.*, cap. I v. 13) desmente categoricamente esta asserção, porque diz que Deus a ninguem tenta.

Affirma *Daniel* (cap. I, v. 21) que elle viveu somente até ao primeiro anno do reinado de Cyro; mas no cap. X, v. 1, elle mesmo conta que, no terceiro anno do reinado desse mesmo Cyro, teve um sonho.

Em *João* (cap. V, v. 31) o Christo declara que se elle dá testemunho de si mesmo, o seu testemunho não é verdadeiro; e no cap. VIII, v. 14, affirma que se dá testemunho de si o seu testemunho é verdadeiro.

Esta e outras contradicções inspiraram ao padre Guilherme Dias as seguintes palavras:

«Deparadas estas repugnancias nos Evangelhos, facil é provar agora que se lá se encontram 15 infernos, distraem-se uns aos outros» (*Ecos de Roma*, Carta X, pag. 246).

Conforme diz *Math.* (cap. XI, v. 14), Christo foi levado ao Egypto para escapar a Herodes; mas *Luc.* (cap. II, vv. 22-39), além de não falar na fuga para o Egypto, diz que Christo foi levado a Jerusalém para ser apresentado ao Senhor, e finda esta cerimonia, voltaram com elle a Nazareth.

Em quanto o Christo nos affirma, em todos os evangelhos, que teremos a vida eterna, Salomão (*Eccles.*, cap. IX, v. 5) declara que depois da morte não teremos nenhuma recompensa.

No cap. X, v. 13, do Liv. de *Josué* lê-se que este legislador mandou parar o Sol e a Lua para ganhar uma batalha contra os seus inimigos. Ora, o absurdo de tal prodigio está hoje desmentido, uma vez que se saiba que não é o Sol que gira em redor da Terra, como antigamente se cria, mas sim a Terra é que gira em redor do Sol.

JOSÉ MARTINS.

(*Continúa*).

A palavra aos anarchistas

Por dever de imparcialidade, publicamos a seguinte carta:

«No ultimo numero da *Lanterna*, lemos, na carta do Dr. von Ihering, o seguinte trecho:

O anarchismo tal qual a redacção deste jornal o percebe, isto é, «o ideal de uma sociedade sem governo, nem propriedade privada e d'uma moral sem sancção nem obrigação» é utopia. O que neste programma é realizavel já faz parte da doutrina socialista O socialismo é a bandeira d'um immenso partido politico, mas o anarchismo que de entre os adeptos de educação inferior degenera em crimes estupidos é o inimigo implacavel da actual sociedade. A tendencia da sociedade de tornar effectiva a protecção da classe laboriosa manifesta-se cada anno mais evidentemente em todos os paizes, mas em defeza de sua existencia a mesma é obrigada a perseguir e punir severamente os excessos criminosos do anarchismo.

A *Lanterna*, declarando não ser orgão anarchista, o que é exacto, não quiz discutir esta passagem; mas cremos que nos permittirá, nas mesmas columnas onde saíu o ataque, dizer algumas palavras de defesa e convidar o sr. Hermann von Ihering a apoiar com provas e explicações a justeza dos vagos conceitos que exprimiu sobre o anarchismo que, a avaliar por aquellas poucas phrases, parece ser-lhe materia inteiramente estranha. Pomos á sua disposição as columnas da *Terra livre* (caixa postal, 208).

Qual é a parte do programma (resumido pela *Lanterna*) que é utopia? Qual a que é realizavel e faz parte da doutrina socialista? Que entende por socialismo o Dr. von Ihering? E' a «protecção» á classe laboriosa?

Em que sentido é o anarchismo inimigo implacavel da actual sociedade? São os governos *obrigados* a punir e perseguir os anarchistas, ou são pelo contrario estes que se vêem constrangidos a defender-se contra «os excessos criminosos» dos governos?

Amantes da discussão, folgariamos com a resposta do sr. Dr. von Ihering.

A Redacção da *Terra livre*. — S. Paulo, 4 de janeiro de 1910.

Solicitamos instantemente de todos os companheiros o envio de nomes de pessoas que provavelmente assignarão *A Lanterna*.

Que é o ultramontanismo?

(Extracto do discurso do sr. deputado Ruy Barbosa, pronunciado na Assembleia Geral em 27 de julho de 1890).

O ultramontanismo... é o fenianismo irlandez; é o lazaronismo napolitano; é o caudilhismo hespanhol; (Apoiado) é o phalansterio religioso do Paragnay; é a Roma claustral do governo pontificio (Apoiado); é a França da bandeira branca e de Henrique V (Apoiado); é a sciencia calumniada de falsa (Apoiado); é a exploração das populações ruraes pelo clero; é a charlataria divina da agua de Lourdes especulando com a saúde publica; é o casamento acatholico equiparado á libertinagem; é o marido substituido pelo director espiritual; o pai supplantado pelo confessor (Apoiados), a mãi trocada pelas irmãs de caridade (Riso); é a familia absorvida pelo confessionario; é a beatice impingida como ensino; é a historia falsificada nos catecismos... (Muito bem).

— O dr. Saldanha Marinho: Contou em poucas palavras a historia dessa gente.

— O sr. Ruy Barbosa... é tudo que se conhece por mais antagonico á ordem secular do Estado, tudo o que tende a negar no homem a independencia da razão (Apoiados), na familia a funcção educativa, na sociedade a autonomia leiga, na investigação scientifica os direitos da realidade, na liberdade a sua acção moralizadora. (Muitos apoiados; muito bem).

Lanterna magica

O Dedo de Deus...

Do *Diario de Noticias*, da Bahia, do 10 do mez findo:

Em 2 do corrente cairam em Cachoeira fortissimos aguaceiros, que alagaram ruas e casas commerciaes, muitas das quaes fecharam suas portas.

Uma faisca electrica foi cair na igreja da Conceição do Monte, damnificando um trecho do frontespicio, inclusive a torre, que perdeu a corôa e a cruz, caindo tambem grande parte do telhado.

Outra penetrou na igreja do Rosario do Monte Formoso, causando serios damnos.

Outra fez vergar o pára-raios da torre da igreja do Carmo.

Nem o heretico invento de Franklin lhes faz bom proveito!...

Vejamos outros casos ainda.

Este contava-o o *Jornal do Brasil*:

Annunciam de Toulon, que um raio, caindo no decurso de uma tempestade no campanario da Igreja de Gassin produziu effeitos curiosos. O fluido seguiu o cabo de ferro que serve para tocar o sino e poz este em movimento. Em um armario, cujas portas foram arrancadas, achavam-se castiçaes com velas, que foram accesas como que por encanto. Depois o raio continuando o seu caminho, arrancou o sobrado da sacristia e enrolou o tapete com a mais perfeita symetria.

Este raio trocista e voltaireano parece o proprio diabo!

— Em Alexandria, Italia, durante uma conferencia de padre num circulo catholico, quando o orador falava da providencia divina que premia os fieis catholicos, desabou o soalho da sala, ficando 37 pessoas feridas.

Talvez fosse a outra divindade do amphitheismo catholico — o Diabo — o autor da partida.

— Na igreja de Santa Cruz, em Roma, o padre Carmo Quintini caiu fulminado por uma apoplexia, quando levantava o sacramento.

— Em Gello, provincia de Lucca, um raio fez cair o campanario da igreja sobre uma casa vizinha, matando duas senhoras e ferindo quinze pessoas.

— Em Arcade, Italia, durante um temporal, desabou o telhado da igreja, repleta de fieis. Morreu uma velho e houve muitos feridos.

— Em Santander, Hespanha, o côro de uma igreja desabou, ferindo a innumeros fieis que se achavam no templo.

— Dizem de Siena que a commisão technica especial constatou que o recente terramoto, naquella provincia, damnificou as igrejas das seguintes localidades: San Lorenzo, Isola, Buonconvento, Berontoli, Monticiano, Abbadia San Salvatore e San Giningnano.

— Em Fiesole, Italia, um raio produziu grandes estragos na cathedral.

Não se move folha que Deus não queira. . .

Commercio de milagres

Ha tempos noticiaram de Ronciglione, communa de 6.700 habitantes, no districto de Viterbo, que os frades de um conventto, que está situado nas adjacencias do lago de Vico, inventaram a apparição de uma santa, milagrosa como a de Lourdes, fazendo acreditar ao povo crente que ella faz andar os paralyticos.

A população fanatizada vai em peregrinação para o convento, deixando donativos em dinheiro e generos aos frades.

Um dia, para festejar a nova santa, um grupo de fanaticos percorreu as ruas, pretendendo obrigar os commerciantes a fecharem as portas das suas casas. Este facto deu lugar a varios incidentes, sendo precisa a intervenção das autoridades para acalmar os animos.

Os jornaes protestam vivamente, contra essa exploração da crendice do povo ignorante, convidando as autoridades a intervir energicamente.

Em quanto reina a ignorancia, prospéra o negocio. . .

Por isso os padres odiam Ferrer e a sua obra.

Outro santo

Narra uma folha local:

O *Progresso*, de Ponta Grossa, diz que uma carta procedente do Tibagy informa haver apparecido no lugar denominado Imbahuzinho, daquelle municipio, o monge Theodoro, que se intitula santo.

Ha mezes que Theodoro se acha no Imbahusinho fazendo milagres e trabalhando para a salvação das almas dos que pedem a sua intervenção protectora junto aos altos céos.

O certo é que a população ignorante das cercanias e mesmo de pontos distantes crê nas pregações de Theodoro e abandona suas casas e os labores agricolas para lhe ouvir as grotescas parlapatices.

Desse modo o monge prosegue nas suas explorações, de que são victimas principalmente mulheres e crianças, explorações que o conduzem a encher as algibeiras e a ir passando commodamente á custa do pobre povo.

Apesar da crise, o officio de santo, purificador, milagreiro, bruxo, curandeiro, etc., é ainda dos mais lucrativos.

Como no centro de Africa

Escreve-nos um amigo:

«Quando ahi estive esqueci-me de relatar um facto, presenciado por mim, na estação de Ponte Alta, linha Douradense, ha tempo, facto esse digno de publicidade.

O padre Antonio Cesarone, vagabundo, a passeio por aquellas paragens, aporta á casa de um caipira, onde eu me havia hospedado. Este caipira, supersticioso e credulo, pediu ao reverendo um remedio para que uma vacca de estimação deixasse de ser esteril. Immediatamenfe o padre viu mais um meio de impingir a sua mercadoria — a agua benta — e offereceu-se para benze-la pela quantia de 50$000. A vacca foi então trazida á sala de jantar; e em presença de toda a familia, o desavergonhado reverendo, servindo-se de uma brocha em logar de hyssope, mastigando um macarronico latim, aspergiu com abundante agua benta o animal. E o caipira que desembolsou a bella pellega que a estas horas grande falta lhe fará, espera em vão pelo resultado da aspersão.

Esse mesmo reverendo, contaram-me, em Ibitinga, resou uma missa por alma de um cão *setter*, mediante a esportula de 100$. Esse cão pertencia a um engenheiro que muito o estimava, e morreu damnado.»

GOYA

— Ui! sr. padre, uma cascavel...
— E' verdade. A proposito: vêde, meus filhos, como Deus é bom. Creou a cascavel, mas deu-lhe os guizos para que o homem não se aproximasse della... Como elle foi bondoso!...

GOYA

Ai! Maldito seja.., o ! Diabo ...

Pobreza franciscana...

Do *Correio da Manhã* :

«Com o desapparecimento de frei João do Amor Divino Costa, ha uma séria questão a resolver.

Se todos não o sabem, pelo menos aquelles que se aproximavam do extincto franciscano conheciam a sua accentuada antipathia á ideia de cair, um dia, não só o convento, como os seus preciosos bens, na posse de frades estrangeiros.

Frei João manteve sempre, a respeito de todos os negocios da sua ordem, um sigillo absoluto, recusando-se mesmo a abordar, fosse com quem fosse, assumpto que á vida intima della se referisse.

Dahi, não ter a Ordem de S. Francisco soffrido a influencia dos religiosos allemães ou belgas, como aconteceu com a de São Bento e outras.

O extincto frade era o unico sobrevivente da velha geração de franciscanos do Rio, e, fallecendo agora, não deixa successores.

A questão que preoccupa os que se interessam pelos bens das nossas congregações é esta: morto frei João, que destino terão as propriedades de S. Francisco da Penitencia, incluindo o velho e historico convento?

Aquelles preciosos bens irão parar á mão dos estrangeiros, ou os chamará a si a nação?

E' um caso que já deve estar despertando a attenção dos poderes publicos.»

Francisco Ferrer II

No auto de fé celebrado na praça Mayor de Madrid em junho de 1680, encontra-se, na lista dos réus queimados em pessoa, um Francisco Ferrer, de 34 annos, «por apóstata, rebaptizado rejudaizante, vario, diminuto e negativo».

De modo que o martyr de Montjuich é pelo menos o segundo do mesmo nome...

A inquisição em Hespanha

Completou no dia 4 de janeiro 101 annos que em Hespanha foi abolida esta odiosa instituição, a qual existiu 341 annos.

Fez *poucas* victimas, *apenas* estas:

Queimadas vivas.	35.126
Queimadas em effigie . . .	20.287
Condemnadas ás galés e prisões	286.920
Total	342.333

Foi em 7 de janeiro de 1481, em Sevilha, que foram queimadas as primeiras tres victimas na nefanda inquisição hespanhola.

Infelizmente, porém, só foi abolida de nome: mas de facto persiste, embora um pouco amansada.

As victimas de Montjuich bem o provam.

O cancro de Hespanha

Nakens, no seu excellente jornal *El Motin*, organizou uma longa lista das casas religiosas existentes na Hespanha: são umas 5.400, nada menos! Que fardo e que pesadêlo!

Asnices da Ré publica

O jornaleco de Jardinopolis perdeu o prumo desta vez. Já não sabe o que diz, se é que algum dia soube o que dissesse, e anda ás tontas, dando pancadas de cego e escrevendo de um modo tão barbaro, assassinando a grammatica tão cruelmente, que o proprio Calino se envergonharia de hombrear com o João Ladeira.

Apreciem estes pedaços:

«... a ousadia de PUSILLAMINES individuos...»

«... que tentam PRIVARICARNOS...» (!!!)

E por ahi assim. Coices na grammatica a valer.

Pobrezinha!

Tudo porque? Porque alguns anticlericaes, querendo experimentar a coragem e a resistencia do Ladeira, subiram á dita e foram indagar se havia quem assumisse a responsabilidade de alguns torpes insultos ao nosso companheiro Vassimon.

Dahi o pavor do Ladeira *et caterva*. Os pulhas já pensam que vão ser empastelados (como se a carne de carola pudesse servir para pastel); publicam uma carta em que muitos correligionarios quizeram se divertir á custa dos tremeliques do João da *Ré Publica*; lançam esconjuros, salpicam o ar de agua benta e rezam o *credo*.

Comtudo, pora mostrar que ha uns restos de coragem inserem alguns insultos aos anticlericaes de Jardinopolis e algumas mentiras mais.

Tarefa baldada e vã.

A *Ré publica* mente descaradamente, como qualquer réles marafona, quando affirma que os nossos correligionarios «sairam... pelas ruas commettendo as mais torpes baixezas, dando morras á redacção da *Ré publica*...»

E mente despudoradamente, num *truc* de regateira, quando insinúa que os anticlericaes de Jardinopolis são individuos sem posição.

Elles teem posição muito mais definida do que qualquer espião ou qualquer *lambe-galhetas*. No tribunal o João Ladeira ou seu assessor não provam que os nossos correligionarios sejam vagabundos. Em Jardinopolis merecem o melhor conceito.

Apavorou a grey da *Ré publica* a ideia dum empastelamento, como se usassem os livres pensadores das mesmas armas do clero.

Quanto aos *cancros sociaes*, isso é lá com elles, os da *Ré publica*, useiros em lidar com o pus... Que maiores cancros senão elles, que ainda tentam continuar a obra de embrutecimento da humanidade?

Para fechar, a *Ré publica* não merece que nos occupemos della. Se ao menos seu redactor soubesse escrever, vá lá. Mas assim como está aquillo, cheio de asnices, e que tanto póde ser obra dum desequilibrado como dum imbecil, não merece resposta. Deixemos em paz os parvos.

Os nossos representantes

São nossos representantes fóra da capital os seguintes correligionarios, que espontaneamente se compromettem a auxiliar *A Lanterna*:

Amparo, sr. José Mendes.
Rincão, Pontal, Pitangueira e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.
Campinas, sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.
Itatiba, sr. B. Martins.
Atibaia, dr. Olympio Paixão.
Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.
Jahú, sr. Octacilio Maciel.
Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Leuenroth.
Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.
Palmeiras, sr. Adilio Ramos.
Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.
S. Roque, sr. Credo Negrelli.
Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.
Pirapetinga, (Minas), sr. Francisco Assis Teixeira.
Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conçeição, 22.
Jardinopolis, sr. João Zucchi.
Franca, sr. Urbano Peçanha.
Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.
Em Curityba, sr. Alvaro H. David.
Em S. Vicente, sr. Miguel Barcalla.
Guaratinguetá, sr. Julio Tibiriçá.



ROL DOS CULPADOS

Com os recortes de jornaes que os nossos amigos nos têm enviado, podemos organizar uma lista, muitissimo incompleta por certo, de factos recentes pouco comprovativos da santidade da profissão sacerdotal e muito pouco demonstrativos da validade dos dogmas e preceitos da Igreja contra a tyrannia da carne...

— No Rio, o padre Alvaro Coelho sequestra uma senhora casada.

— Em Porto Alegre desappareceu do lar paterno uma joven e é enjeitada uma criança, cuja mãi declara ser o pai um ex-vigario naquella cidade.

— O padre Serafim Villela, vigario de S. Felix, Bahia, seduz e deflora uma menor na capella do Rosario! Dentro da propria casa de Deus! Como elles são crentes sinceros!...

— Em S. José dos Campos, tenta suicidar-se o alfaiate Marcellino Camara, de Guararema, em vista da perseguição dum padre, que elle accusára de viver libidinasomente com uma rapariga, apresentada pelo tonsurado como sua sobrinha.

— Em Manaus, o vigario da igreja da Boa Hora tenta seduzir na sacristia uma joven, neta dum antigo capitão de navio.

— Quanto a Frei Herculano Limepinzel, já o leitor está ao corrente das suas façanhas, em Santa Catharina: como os seus collegas, apesar do culto da Virgem, fazia guerra á virgindade...

— O mesmo se diga do padre Manuel Cyriaco de Oliveira, vigario de Nova Lage.

— Em Porto Alegre foi preso o frade Herculano Crispo, por ter attentado contra o pudor de uma menina.

E agora no estrangeiro.

— Em Calvizzano, Italia, o monge franciscano mendicante, Luigi Derrico, requesta a gentil neta dum alfaiate, que prohibe ao frade a entrada em sua casa. Apesar disto, voltando a casa lá o encontra. Irritação do avô, violencias do frade — e morte do velho, poucos dias depois.

— No Asylo da Consolação, de Milão, o padre Riva e soror Fumagalli commettem torpezas contra as crianças recolhidas.

— Em Gallipoli, Italia, o padre Cosito foge com uma mulher casada, a sra. Constantini.

— Em Avellino, Italia, um marido mata um padre, quando o surprehende fazendo propostas amorosas á esposa.

— Em Chiavasso, provincia de Turim, o padre Braz Vetoray, com o engodo de doces, reune em sua casa meninos, contra os quaes commette actos repugnantes.

— Em Marsala, no orfanato dirigido pelos salesianos, o padre Di Francesco e outros commettem torpezas contra doze meninas ali recolhidas. O orfanato foi fechado por ordem das autoridades. O *Corriere d'Italia* diz que o papa Pio X ficou desgotoso pelo acontecido, lamentando a frequencia de casos como o de Marsala.

Sua Santidade Infallivel não pode engana-se... Temos, pois, um bom alliado no combate contra os estabelecimentos de ensino clericaes.

NOTA: E Idalina Stamato, onde se encontra, morta ou viva?

— Em Napoles, o frade D'Erri co procura seduzir, no confessionario, uma moça. Esta queixa-se a um velho tio, que procura o frade para o intimar a cessar o seu galanteio. O monge estrangula o velho e foge, sendo preso depois.

— Em Valletri, Italia, o padre Pedretta pratica actos torpes contra meninos que frequentavam a aula de catecismo, onde elle lhes ensinava os *inimigos da alma* praticamente.

— Em Cagliari, Sardenha, certo Aragoni Tertori apanhou sua mulher, joven bellissima de 18 annos, em flagrante adulterio com um tio, o padre Vomis, e matou-os a ambos.

— Em Cantú, provincia de Como, dois frades do convento de N. S. da Conceição praticam actos immoraes contra meninos orfãos confiados á sua educação. O convento foi fechado.

— Em Catania, Sicilia, o padre João Guido attentou contra o pudor de crianças orfans, suas educandas.

— E' na propria cabeça do catholicismo, no lugar onde dominou Alexandre VI, o Borgia, o papa; e o escandalo estala. Monsenhor Arracha foge para destino ignorado; frei Buonaventura, celebre prégador capucho, casa com uma donzella que elle seduzira na America do Norte; monsenhor Stoonor é obrigado pelo Vaticano a repatriar-se, por ter sido denunciado como autor passivo de actos immoraes. Os proprios guardas nobres pontificios vão na onda: cinco procuram fazer abortar as respectivas amantes, todas menores, residentes no Transtevere, e por isso são expulsos do Vaticano. Naturalmente o *Correio d'Italia* e o *Osservatore Romano*, orgams o Vaticano, desmentem essa versão, admittindo que foram punidos alguns guardas pontificios por faltas de nenhuma gravidade.

Palestrando com elles

«A LANTERRA» EM CASA DELLES

A Verdade, orgam da Academia de S. Miguel, de Campinas, manda-nos um exemplar do n. 7, onde, sob a epigraphe *A Lanterna cá em casa*, achamos o seguinte escripto:

Sr. redactor d'*A Verdade*.

Dirijo-lhe estas linhas *ad eternam rei memoriam* e para pedir-lhe um favor. E' que fui algum tanto surprehendido encontrando sobre a minha mesa de trabalho o n. de 11 do corrente d'*A Lanterna*, incontestavel e propositalmente a mim dirigida, pois traz impressos no alto da primeira pagina o meu nome e o meu endereço:—bondade excessiva do orgam *anticlerical de combate* que, sem, aliás, me desgostar, tomo por pilheria; esperando, entretanto, que a respectiva administração não complete a pilheria mandando-me a conta da assignatura, *sermão* que não encommendei.

O favor é o seguinte:—Queira v. s. remetter á redacção d'*A Lanterna* o meu n. d'*A Verdade* da proxima edição em que, julgo, serão publicados os estatutos da nossa Academia de S. Miguel.

Amor amoribus... *A Lanterna* me fez presente do *pessoal da escola moderna* de BARCELONA, onde, pela primeira vez, vi uma familia de anarchistas (nunca pensei que um anarchista tivesse familia...) Eu lhe envio nesse mesmo numero d'*A Verdade*, em troca, as bases que foram adoptadas e ensinadas pelo veneravel padre Antonio Maria Claret em Barcelona e as armas de que laeçamos mão, nós os clericaes de *combate* para destruir os effeitos do nascente anarchismo no Brasil, de que se faz orgam em S. Paulo a amavel *Lanterna*.

Grato sou, etc.

Campinas, 13—11—909— *Dr. Jorge da Cunha*.

Pode estar certo o não menos amavel sr. dr. Jorge da Cunha que não lhe mandaremos a conta, tanto mais que o seu nome não figura em nossos registros e a pilheria, se pilheria houve, não partiu de nós. Entretanto, se é só por causa da conta, caro doutor, não faça cerimonias: com prazer lhe enviaremos a nossa modesta folha.

O nosso delicado adversario acha que *A Lanterna* é orgam do nascente anarchismo no Brasil. Não seria uma deshonra, mas não é verdade. Se o dr. Cunha quer efficazmente combater o anarchismo, deve dar golpes bem certeiros, e é no intuito de lhe sermos amaveis que temos o gosto de lhe indicar, como organs anarchistas, a *Terra Livre* e *La Battaglia*, desta cidade, a *Luta*, de Porto Alegre e a *Liberdade*, do Rio, informando-o de que os anarchistas publicam jornaes no Brasil cremos que ha mais de 12 annos.

Não queremos offende-lo, mas parece-nos que o dr. Cunha percebe tanto de anarchismo e outras regedorias sociaes como o seu correligionario que no numero 43 do *Paladino*, de Uberaba, sob o pseudonymo de Diogenes (nome dum precursor anarchista), chama manatas do anarchismo a Gorki e ao deputado Ferri..

A todas as doutrinas *diabolicas* pode dar-se o mesmo nome, não é verdade? Para o povo crente, o maçon, o pedreiro livre o atheu, o protestante, não é tudo o mesmo?..

A Verdade absoluta, revelada, unica, certa, com maiuscula, de que os catholicos são unicos possuidores, é indivisivel e total: a outra gente não possue parcellas maiores ou menores da verdade, mas a Mentira, tambem completa e unica. Ha, pois, só dois partidos: o da Verdade, de Deus, do papa; e o da Mentira, do Diabo, do unarchismo, ou coisa que o valha. Estamos dizendo bem?...

Para os donos da Verdade Divina, todos os outros devem ser monstros, possessos, brutos... Assim o dr. Cunha estava convencido de ser um anarchista incapaz de ter familia.,. Diz isto com tanta ingenuidade que nem parece offender os mais delicados sentimentos de homens como elle.. que nem parece falar de dentro duma religião que santificou o celibato e a virgindade e instituiu aquelle como um dogma para os padres... Confundiu os anarchistas com os sacerdotes da sua Igreja!

A FAMILIA DE FERRER

Mandaram-nos um numero do *Bi-Hebdomadario Catholico*, onde já não é uma pessoa delicada mas uma regateira que se dirige a nós com um vomito de injurias... evangelicas.

Trata-se de Ferrer, cuja memoria os fanaticos procuram com raiva manchar de baba calumniosa, sem se importarem com desmentidos.

O *Bi* n. 207 reproduz de *El Correo Español* as já conhecidas calumnias, aqui desfeitas.

Para o padre Loriquet que escreve, Ferrer travou conhecimento, «relacionou-se» (jesuita!), com a sra. Meunier, abandonando *então* a esposa (abandonada antes) de quem mais tarde se divorciou, dum modo tragico: ella dispara sobre o marido varios tiros de revólver, por causa dos maus tratos e do roubo dos filhos... O martyrio duma mãi...

Ora a verdade é bem diversa. A mulher de Ferrer, de ideias oppostas ás delle e de temperamento desregrado e intolerante (quando Ferrer era reconhecidamente um modelo de brandura), tanto fez que o marido teve de pensar na separação, depois de muito ter soffrido.

A lei hespanhola não permitte o divorcio; mas a mulher separada de Ferrer teve a engenhosa ideia de se converter á religião orthodoxa russa, para poder casar, segundo a lei russa, com um russo riquissimo.

Foi já depois de separados que Ferrer, em face da conducta da ex-esposa, se decidiu a tirar-lhe as filhas; e então ella, cujo odio pelo ex-marido era grande, mostrou-se exaltada, quando nenhum amor ao lar havia testemunhado, e disparou sobre elle. Vingativa, perseguiu-o sempre com a sua raiva e ultimamente levou um tal Vinardell (que della fôra amigo intimo ainda quando junta com Ferrer) a calumniar a memoria do martyr. Carlos Malato, porém, obrigou o miseravel a confessar a sua má fé e a sua cobardia.

E é dessa lamentavel criatura que se servem os catholicos para calumniarem o fuzilado de Montjuich! Que pensa o *Bi* da bigama, segundo a sua religião?...

O *Bi* reproduz ainda varias mentiras; mas a isso já respondemos nos numeros anteriores. E' certo que elles fazem de conta que não existem os desmentidos: como os fieis não lêem outros jornaes..



Cobrança na capital

Estamos procedendo á cobrança nesta capital, sendo encarregado desse serviço o sr. Paulino Schiavo o unico autorizado para esse fim.

Contamos com a coadjuvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deleterio e dissolvente.

Vózes do céu

(*Continuação e fim*)

Assomando á porta da sala, que estava entreaberta, Jesus abriu-a um pouco mais, num gesto largo e, como um funambulo, ficou-se a contemplar a bella Magdala que, mais adiante, no meio da casa, virada para elle, jazia em adoração, de mãos postas, numa encantadora silhueta.

— Minha adorada! gemeu por fim o padre avançando para ella e estendendo-lhe a mão — Levanta-te! As amantes dos deuses tornam-se iguaes a elles.

— Meu divino amor! balbuciou a viuva, commovida e perturbada, obedecendo docemente ao impulso da mão amada — O meu coração é teu!

O maroto do vigario havia composto um focinho muito a proposito. A barba nazarena, o bigode ruivo, a basta cabelleira e o estranho trajo tornavam-no realmente irreconhecivel.

Magdala fechou a porta num movimento rapido e, quebrando o selvagem silencio em que o Christo ficara, aventurou-se a dizer:

— Ora até que emfim! Demoraste bastante, meu divino amor!

— Em verdade te digo...

— Ah! interrompeu ella como que se recorda — já me ia esquecendo... E dirigindo-se ao aparador, pegou num vidro de extracto pulverizador e virou-se para o hospede.

— Em verdade te digo, articulou elle confuso; mas a boa da mulher, sem nem sequer o pensar, interrompeu de novo o pseudo Bom Jesus.

— Permitte, adorado esposo, que eu, qual Magdala d'outrora, unja os teus divinos pés!

— Em verdade te digo, volveu o padre; mas a pobre beata, toda absorvida pela fantasmagoria que lhe dançava na cabeça e agora tomada de ciumes contra Santa Maria Magdalena, proseguiu com um pouco de rancor, sem nada ouvir...

— ... Não será com as finas essencias judaicas que a outra magana guardava na sua rica caixinha de alabastro, dada talvez por qualquer dos muito sordidos mercadores a que ella se entregava para viver, mas afianço-te, ó Christo, que este é o melhor extracto que se fabrica em Paris...

Assustado com os gestos alucinados da viuva, o padre deu um passo para ella e bradou, supplicante:

— Isso já não é preciso, Magdala... Em verdade te digo...

O marreco do vigario entendia que aquelle «em verdade te digo» com que o Nazareno enternecera a bella samaritana era indispensavel em todas as phases. Magdala estacou e, admirada, redarguiu:

— Oh! pois recusas!?

— Em verdade te digo, meu amor, apressou-se o padre a dizer, fazendo-lhe no queixo uma doce caricia com a mão macia de pegar nas hostias — em verdade te digo que isso já não é preciso... Outrora, na Judeia, quando eu andava por aquelles caminhos cheios de lama e poeira, a prégar, correndo, o Verbo Redemptor, sim, era preciso, porque, com o suor das sandalias, apparecia-me nos pés, entre os dedos, um desagradavel cheiro...

— Ai! Senhor! Querem ver que naquelle tempo já havia chulé?

O padre susteve a custo o riso; depois, com esforço, conseguiu accrescentar:

— Sim, mas agora já não é preciso... Em verdade te digo que na mansão celeste de [meu] pae não ha mais poeira nem suor; respira tudo ali um suave cheiro a violeta, que é mesmo de inebriar.

— Sim?... Oh! como isso me alegra, meu amor divino, disse regalada a boa Magdala pondo o vidro sobre a mesa. — Mas se já não é preciso, porque não ordena, Senhor Bom Jesus, aos padres, que supprimam nas igrejas a vergonhosa cerimonia do Lava-pés?... Seria uma rehabilitação, não acha?... Senão hão de pensar que o meu Bom Jesus ainda soffre daquelle mal com que meu marido tanto me apoquentava.

— E' porque... gaguejou o padre suffocando o riso e atrapalhado pela questão — é porque ainda não tive tempo, em verdade te digo...

— Oh! pois lá no ceu ha tanto que fazer?

— Ha, sim, ha... Mas como Magdala não parecesse satisfeita com aquella affirmativa simples, o tonsurado illustrou-a:

— As ultimas epidemias do Rio de Janeiro teem augmentado muito o serviço.

— E, segundo tenho ouvido, o Padre Eterno é implacavel; por dá cá aquella palha, zás, joga com uma criatura no inferno.

— Ah! Quem lhe mijar fóra da pichorra...

O padre, com esta phrase garota, pretendia desviar a viuva das suas preoccupações sagradas, mas a mulher, como se não ouvisse, exclamou num suspiro:

— Meu Bom Jesus... Esse lava-pés apoquenta-me... Hão de pensar que o meu divino amor só lava os pés uma vez por anno e assim mesmo á força. A circumcisão é tambem uma cerimonia que o senhor deve mandar supprimir... Se lá na sua terra era costume cortar a pellicula ao birro das criancinhas, affianço-lhe que aqui ninguem pensa em tal... Promette, sim, que manda supprimir essas cerimonias?

— Sim, prometto, minha querida, disse o padre abysmado pela candura e idiotismo da boa mulher. Mas ainda elle não tinha acabado a ultima syllaba, quando do tecto se ouviu, trovejante:

— Nazareno! Nazareno! Nazareno!

O vigario estremeceu, aterrado. Havia sem duvida mouros na costa. Magdala, porém, exclamou delirante:

— Louvado seja Deus!... Vozes do ceu, Senhor! E' o teu divino pai que te chama, com certeza, meu adorado Bom Jesus! Vozes do ceu, louvado seja Deus!

A voz trovejou de novo, assustadora. O padre coçou a cabeça.

— Já vês que tenho pressa, minha bem amada, disse elle — e desta vez esqueceu-lhe o «em verdade te digo.» O medo mata o espirito...

— Já vai, já vai, senhor Padre Eterno! O seu filho está em mi-

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi



Peccados intimos

(Continuação)

15 de abril de 1894.—Oh ! que agradavel noitada a que eu e outros passámos na cozinha do seminario no ultimo domingo de carnaval !

O professor, o mesmo que amava mais do que nos limites do licito os jovens seminaristas, homem prodigo em offerecer orgias e banquetes, organizou um baile para a meia noite, depois de se haver comido tudo o que a sua bondade nos tivesse proporcionado. A's 10 em ponto, quando os outros seminaristas e o director dormiam, achavamo-nos todos atarefados na preparação, com a ajuda do cozinheiro, de iguarias e pasteis. Por acaso, no melhor da festa, acabou se-nos a farinha.

Que fazer? onde ir busca la áquella hora tão tardia ? O mestre, sempre habil em sair de embaraços em taes circumstancias, teve a feliz ideia de ir pedi-la á casa dum conego vizinho. Seguimo-lo e, poucos minutos depois, pela pequena porta que dava para um becco da cidade, estavamos no fundo da escada do conego. Veio abrir-nos uma criada, joven e bonitona, namorada dum clerigo da Sé, hoje capellão. Tinha as mãos sujas de massa, e isto mostrava que tambem ali se faziam doces para solennizar o ultimo domingo de carnaval. Ao entrarmos na cozinha, offereceu-se aos nossos olhos um agradavel espectaculo : seis ou sete pessoas se afadigavam em volta das mesas, peneirando farinha, batendo ovos e triturando assucar. Entretanto, o professor aproximara-se do velho conego e bastante delicadamente pedia uma libra de farinha emprestada.

— Até duas lhes darei—respondeu o padre — comtanto que me deem, para provar, um pouco do doce que fizerem, amados filhos da santa madre igreja.

Balbuciámos algumas palavras de agradecimento e, depois de lançarmos um olhar assassino á bella criada, voltámos para a cozinha do seminario, onde nos esperavam o cozinheiro e dois servos.

Faltava um quarto para a meia noite quando tudo ficou prompto para a refeição. Comemos, bebemos á farta, e quando foram trazidas para a mesa as travessas com doces, os seminaristas mais jovens abriram tanto os olhos e a bocca que pareciam lobos famintos.

Só um seminarista comeu poucos e se absteve de beber com excesso. O mestre, que tinha um fraco por aquelle moço, compensou o dando-lhe vinho santo, das galhetas, que servia para a missa.

No fim da ceia começámos a ver dobrado, e varias vezes caimos debaxo da mesa sobre os vomitos. Um servo estendeu se ao lado do cozinheiro e o mestre ao lado dum seminarista. Disparatado grupo de ebrios ! A' uma hora foi levantada a mesa e começou o baile. Inutil, e mesmo impossivel, é descrever o espectaculo estranho daquelles pretensos ministros de Deus saltando como lobos amestrados.

No fim do baile, os mais velhos começaram a beijar-se e quem sabe o que não fariam se não principiasse a romper o dia.

DON FRANCISCO BIGLIAZZI—
Ex-prefeito de Seminario.

Benjamim Mota

não sendo redactor de A Lanterna, *mas simples collaborador, e vindo raramente á redacção, pede aos amigos o favor de não endereçarem ao seu nome a correspondencia relativa ao jornal.*

O *cliché* que estampamos na primeira pagina, allusivo ao santo Bibiano, foi-nos cedido gentilmente pela *Pribuna Italiana.*

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos :

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

NA LAPA—*Salão Internacional.*

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.

Depois dos discursos



Os cordelinhos de ambos estão em nossas mãos... apesar da separação

"A LANTERNA" em Santos

ESCOLA OPERARIA

Realizou-se aqui, no dia 1.° do corrente, a installação da Escola Operaria.

Abriu a sessão Eladio Antunha, que convidou para presidi-la a senhorita Florinda Truque. Esta companheira pronunciou um breve discurso dedicado ás senhoras presentes. Seguiu-se com a palavra Eladio Antunha, que explanou os fins da associação nascente, cujo fim unico é diffundir a instrucção.

Lascala, Antonio Moral, Valentina Moral, Benjamim de Moraes, Alexandre Lascala e Severino Gonçalves Antunha recitaram lindas poesias.

O pequeno Severino declamou com toda a vivacidade o bellissimo escripto de Guerra Junqueiro — *Instrui* — conseguindo empolgar o auditorio, que o applaudiu delirantemente.

A Estudantina Appollo esteve correctissima, executando lindas partituras, sendo acclamada pela enorme concorrencia, que fez bisar o hymno *Filhos do Povo.*

Estiveram presentes representantes do Centro Hespanhol "Soccorros Mutuos", Colonial Portugueza, União Operaria, Tuna Operaria, Estudantina "Appollo", Centro Republicano Hespanhol, Centro B. Portuguez, Centro Dramatico "Coelho Netto" e Club Recreativo 26 de Dezembro.

O sr. Julio Conceição enviou um cartão de saudações á commissão da Escola Operaria.

O dr. Tito Livio Brasil pronunciou palavras de encorajamento e estimulo.

Santos, 2 de janeiro de 1910.

HENRIQUE XVI.

O *cliché* que acima publicamos pertence ao nosso collega e correligionario *Lucifero.*

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara ; mas é um concurso de amigo.

Os Joões de Jardinopolis

Minha visita a Jardinopolis provocou as habituaes e mui pouco serias manobras de dois ou tres carolas que ali exploram, escandalosamente, a ingenuidade e boa fé do sr João, redactor da *Republica*, transmudando-o em testa de ferro e editor responsavel de súas sandices.

E as manobras continuam, embora só entrem no *cotillon* dois joões : o vigario João e o jornalista João.

Os outros ficam, jesuiticameute, na sombra.

E dali armam o bote.

Comquanto enojado por ter de repellir golpes traiçoeiros, não me furto, nem me esquivo á tarefa.

Não sendo possivel vergastar sombras, passo a responder aos dois joões, os unicos que tiveram coragem de me sair á frente.

nha casa, descanse, gritou Magdala olhando para o tecto.—Vamos então cear, visto isso...

Magdala impelliu o Christo ternamente, com a mão, para o lugar que lhe fôra reservado á mesa, e sentou-se disposta a devorar alguma coisa dum soberbo perú e outras iguarias que ali estavam, provocando a gula. O padre sentara-se tambem, mas, perturbado, hesitante, não sabia que resolução tomar.

— Vai uma coxinha ? disse a viuva pondo-lhe no prato um pedaço do perú.

— Sim, ora essa— esforçou-se o padre por dizer—é a parte de que eu mais gosto...

— Ah ! seu maganão ! volveu Magdala com malicia.

A maldita «voz do ceu» trovejou, porém, de novo, prolongadamente, e o padre ficou gelado.

Magdala levantou-se num salto e gritou, zangada, para o tecto :

— Já vai, já vai, sr. Padre Eterno. Antes do romper da aurora, não seja cacete !

Mas ainda o bom do cura não tinha tomado folego quando se ouviu bater á porta violentamente,

— Quem é ? disse a viuva correndo á porta.

— Sou eu, S. Pedro, o companheiro amado de Jesus, o esteio da igreja catholica, respondeu de fóra uma voz.

— Ah ! louvado seja Deus, exclamou a viuva abrindo a porta. —Entre, sr. S. Pedro.

O mau do sapateiro, com as convenientes barbas, as chaves e o capotão, surgiu na sala como um fantasma. O padre escondera-se debaixo da mesa.

— Tambem veio, sr. S. Pedro ? !

— Então ? ! Eu andei sempre cpm Jesus... Que é delle ? rugiu o sapateiro correndo os olhos pela casa.—Ah ! estás ahi, accrescentou ao levantar um pouco a toalha da mesa.

O padre levantou-se muito enfiado e quedou-se a um canto, exangue. Aquella cara e aquelle vulto herculeo aniquilaram-no.

— Nazareno ! Nazareno ! bradou lá do tecto, pelo funil, a virtuosa sra. d. Joanna.

— Louvado seja Deus ! suspirou a viuva.

— Não ouves teu pai chamar-te, Christo desavergonhado, berrou S. Pedro.

— Tenha pena delle, senhor S. Pedro, implorou a boa mulher.

— Vamos, anda dahi, vai-te embora, Christo, obedece a teu pai ! fez o sapateiro.

O padre dir-se-ia preso ao solo, como uma estatua. E então para o despertar, S. Pedro, dando um passo, gritou, levantando o cajado :

— Vais ou não vais ?

O vigario, então, disparou pela porta fóra, como um veado !

O sapateiro riu-se e foi tranquillamente fechar a porta, como se estivesse em sua casa.

— Ora o melro ! fez elle.

— Coitado, tão bom que elle é, suspirou a viuva.

— Que soberbo perú, disse S. Pedro olhando para a mesa. — Que bella ceia !

— Está ás suas ordens, respondeu machinalmente a viuva ; mas despeitada, accrescentou depois ?

— Porque não se vai tambem, senhor S. Pedro ? Porque não acompanha Jesus ?

— Então estás correndo commigo, Magala ? volveu o falso S. Pedro. Olha que não te abro a porta do ceu quando morreres...

— Coitado do meu divino esposo, gemeu ella.

— Qual coitado o que, rapariga ! Estou aqui para o substituir, disse alarvemente o sapateiro, agarrando-se com energia ao corpo apetitoso da beata.

Do ceu trovejava de quando em quando, monotonamente, a voz : Nazareno ! Nazareno. Mas como a respeitavel sra. d. Joanna ouvisse os gritos da viuva e começasse a estranhar a demora do marido, começou a gritar : S. Pedro! S. Pedro !

Magdala, que já ia cedendo, ouvindo então o chamamento divino, fez um supremo esforço e conseguiu desvencilhar-se dos braços do sapateiro.

— Vá-se tambem embora, sr. S. Pedro ! Não vê que o chama o Padre Eterno ?—disse ella.

Qual Padre Eterno, mulher ; o tempo agora é nosso, elle que se amole, disse S. Pedro avançando outra vez para a viuva. Mas esta, abrindo num pulo a porta e passando a mão numa vassoura, bradou furiosa :

— Eu sou esposa de Jesus, seu Santo sem vergonha, sou esposa de Jesus e só delle, entende !... E ameaçadora, berrou :

— Vá, puxe !

Magdala erguera a vassoura e d. Joanna, do tecto, pelo funil, continuava a chamar por S. Pedro. A' vista disso o sapateiro capacitou-se de que não poderia conseguir mais nada. Pegou então no perú e na garrafa de vinho e foi-se embora.

— Maroto, desavergonhado ! — gritou Magdala fechando a porta. Ao que haviamos de chegar ! Até os santos !... Era o que faltava.

Exhausta, então, prostrada, com o coração cheio de tristeza e nostalgia, a pobre Magdala recostou-se um momento no sofá e, sem querer, ahi mesmo adormeceu, assediando-a em breve os malditos sonhos. Viu-se de novo num campo deserto, á meia noite, banhado pela lua. Com ella, muitas mulheres e raparigas, promiscuamente, entregavam-se sem pejo a turbas de diabinhos phosphorescentes que as inebriavam de caricias em contorsões e esgares macabros. O Bom Jesus e S. Pedro, chegando de repente, tentam arrebata-la aos diabinhos, mas Satan, surgindo enorme, colossal, pegou no Bom Jesus e no S. Pedro e, pondo um numa mão e outro noutra, poz-se a jogar com elles como se fossem limões....

Quando ao amanhecer, entrando pelos vidros da janela, o sol lhe deu nas faces um beijo terno e quente, a boa Magdala acordou. Badalava o sino da igreja, chamando os fieis á primeira missa. A pobre mulher vestiu-se á pressa e lá foi, como sempre, para o altar do Bom Jesus fazer a sua ardorosa e sincera prece :

— Meu Bom Jesus, meu amor, quando me virás consolar ?

Os successos da noite afiguravam-se-lhe um pesadelo.

MOTA ASSUMPÇÃO.

FOLHETIM (12)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

III

Olhando sem ver aquelle panorama tão novo para elle, sentia reviver na imaginação as recordações de outr'ora, os dias passados ao lado della, a dilecta prima, naquelles tempos de preparatoriano que não voltariam jamais, as suas promessas de amor, os castellos de felicidade erguendo-se majestosos ao gesto potente da paixão excelsa, as caricias paternaes recebidas daquelle tio que o tirara da orphandade dando-lhe uma posição, tornando-lhe menos agra a luta no seio da pobreza. E tudo isto elle polluira com um punhado de ouro escorrendo-lhe entre os dedos, como azougue, sobre o panno verde da roleta, onde se comprazia em esbanjar o dote inutil e queimar a existencia bem fragil tambem.

O seu cerebro de tuberculoso, superexcitavel ás vibrações duma innervação delicada, bem que optimista na molestia, via tudo negro agora e loucuras, que eram crimes, lhe perpassavam na mente de nevrotico: comprar a vida do homem possuidor da ambicionada fortuna a um desses valentões sertanejos, feras mais selvagens do que o proprio tigre, porque não matam para saciar a fome, e, obtida a sonhada herança, abandonar a esposa, fugir com Carmen para um paiz distante onde pudessem, longe do romorso, reviver as miragens de antanho passando-lhe ora na imaginação num sonho delicioso. Ser opulento e possui-la não era um paraiso duplo? Retirou o olhar do exterior, fitando agora a moça a ver se o seguia no vôo através das miragens. Que desillusão! Sorridente, feliz talvez, ella acompanhava o outro, o artista, casando os seus extases em face daquelles serros tão bellos, dos valles profundos e das edificações modestas surdindo no seio das bouças, á margem do regato, convidando á soledade egoista do amor correspondido.

O trem rolava arquejante ao peso do immenso comboio. Altercações entre conductores e passageiros se repetiam naquella desordem que a confusão creara. Já não havia disciplina alguma nem distincção de classe: eram todos romeiro, acalentados todos pelo mesmo fanal—a desconhecida ventura; procurando-a, os crentes, nos arcanos mysteriosos do além, emquanto os outros, os indifferentes, os incréos, corriam em busca do ouro, á cata do prazer mentiroso que o lupanar promette.

Carmen fitava o trecho a partir de Burnier com uma admiração em que havia algo de amabilidade pelos sentimentos do artista.

Elle olhava o ribeiro com as suas pequenas cascatas caracolando por entre os montes, canalizando-se aqui para servir a uma veiga, espraiando-se um pouco além, formando uma bacia onde se abeberava o gado pascendo no relvedo e mergulhando se depois na garganta de um valle, indo no eterno curso até desapparecer no rio que o absorvia de todo. Só os olhos seguiam a paizagem, o pittoresco do trecho, porque o pensamento estava jungido áquella mulher bella que lhe imantara de subito o coração. Lembrou-se do outro, o artista de antanho, o misero Aleijadinho, afogado na noite da lenda, passando, um mytho quasi, entre o povo que lhe desconhecia a historia. Havia pontos de contacto entre ambos no afan com que buscavam na mulher o gozo inaccessivel, sempre presentido, jámais deparado. Ambos tinham o mesmo berço, que passaria em breve á lenda tambem, ambos se entregavam á paixão amorosa como se pudessem encontrar assim as formas impeccaveis. Não era sómente o desejo de ver a romaria que o levava ali—queria conhecer o complemento da grande obra em estatuaria que o visionario deixara: os afamados prophetas, os apostolos, tudo aquillo attestando a passagem de um genio a quem a fé ou o amor da arte ministrara após a queda no resvaladouro das paixões, a doce miragem de uma immortalidade pela gloria.

A locomotiva arquejava sempre com a sua onda de romeiros em busca de miragens tambem. Rezes solitarias, estendendo um olhar melancolico sobre o gramal tisnado pelo sol, erguiam a cabeça, nostalgicas, num brado vibrante, parecendo evocar os virentes reveldos trazidos na imaginação, anciando de certo pelo inaccessivel como todos os seres que se movem na face da terra. Um ginete, saindo da restinga, relinchou solitario, num nitrido forte como chamando a campanheira para o amor livre dos campos.

(Covtinúa)

O vigario João teve, assim soube de minha conferencia, um arremesso tartarinesco: rasgou o bilhete que comprara para ir a Ribeirão Preto e ali mesmo, na gare, clamou que me iria contradizer e reduzir a migalhas minha argumentação

Recebi a noticia com inteira satisfação, porque, emfim, pela primeira vez, um sacerdote propunha-se a vir discutir, serenamente, calmamente, envez de recorrer ao pulpito do templo para respostas que não podiam ter treplica devido ao *sagrado* lugar.

E todos que me ouviram são testemunha de que, ao iniciar minha conferencia, declarei acceitar qualquer contradicta.

Mas o padre não veiu.

E não veiu, affirma um de seus acolytos porque eu pedi a intervenção da autoridade no sentido de impedir sua vinda

Ora, isto sobre ser uma infamia é uma fuga vergonhosa.

E daqui appello para o digno delegado de Jardinopolis: s. s declare se eu fui ou mandei alguem lhe falar neste sentido.

Certo o padre João, arrependido de seu arremesso á Tartarin, achou melhor não ir; e fez mal. Porque de nenhum modo lhe seria tolhida a palavra, visto como s. rev. não iria tratar com individuos sem criterio ou fanatisados.

Mas o illustre emulo de Gemelli que pretende, em Jardinopolis, com o outro João, constituir-se espantarlho dos livres-pensadores, não raciocinou assim; e. fosse porque fosse, desistindo de me contradizer, não quiz confessar a verdadeira cansa de seu recuo e mandou espalhar que eu me achatara, me annullificara, me acovardara receioso da contradicta.

Porém o digno delegado de Jardinopolis não confirmo (como de facto não podia) semelhante mentira.

E foi o vigario quem se protrahiu, se achatou e se nullificou demonstrando mais uma vez que os taes manejos jesuiticos perdem a efficacia.

Comtudo, daqui o emprazo Assim me seja possivel irei a Jardinopolis.

*
* *

Do mesmo modo o sr. João Ladeira procedeu deslealmente, o que não é de estranhar em quem vive tão apegado ás batinas.

Longe de publicar em seu jornal a exposição verbal que lhe fiz, rectificando os boatos espalhados; longe de corresponder á minha bôa vontade e lealdade, quando lhe disse que nós, mesmo adversarios, não deviamos cair em questões pessoaes, estereis é destetaveis; longe de se manter no mesma plano elevado em que me achava preferiu rolar no esterquilino, prestando-se a assumir a responsabilidade dos ataques estupidos, brutaes, á minha pessoa.

E isso depois de me ter affirmado que seu jornal não era clerical, e, sim, de feição liberal e moderna.

Tanta baixdza repugna.

Porque não preferiu o *ileustre* jornalista rebater pela *Republica* minha conferencia? Porque não oppoz argumento, facto a facto?

Porventura chamando-me tuberculoso e myope destruiu o que eu disse?

Ha muita perversidade em certos ingenuos...

E, felizmente, erram até no diagnostico.

Veremos se o sr. João persiste em servir de titere ao dr. Cleto ou se envereda por uma trilha melhor.

Foi o que eu desejei ao pobre diabo quando delle me despedi.

E. VASSIMON.

Viagem de cobrança

Como noticiamos em nosso numero anterior, partiu em viagem de cobrança o nosso companheiro Edgard Leuenroth.

Dos nossos assignantes esperamos toda a boa vontade em lhe facilitar a cobrança, concorrendo, desse modo, para a nossa prosperidade.

O nosso companheiro visitará as seguintes cidades: R. Preto, Jardinopolis, Salles Oliveira, S. Joaquim, Sertãozinho, Franca e Uberaba. E na volta S. Simão, Cravinhos, Casa Branca, Mocóca, S. José do Rio Pardo, S. João da Boa Vista, Mogy-Guassú, Espirito Santo do Pinhal, Mogy-Mirim, Amparo, Soccorro, Campinas, Jundiahy, etc.

Opportunamente indicaremos os demais lugares em que o nosso companheiro tocará no seu regresso.

Para que a sua tarefa seja menos fatigante insistimos para que os nossos assignantes se promptifiquem a auxilia-lo do melhor modo, afim de que o progresso d'*A Lanterna* se accentue cada vez mais para terror dos negros representantes do clero.

Bilhetes e recados

S. Faulo—Salvador Moya: Temos na redacção os numeros da *Folha do Povo* que pediu, salvo alguns que não pudemos obter.—J. A. Correia: Versos muito difficilmente publicamos. Saudações.

S. Roque—Credo Negrelli: Recebemos o postal e tomamos nota da assignatura e da promessa. Gratos.

Araçariguama—A. B. Rosa: Recebemos os 10$ e tomamos nota da indicação. Gratos.

Capivary—J. Haro: Mandamos a assignatura. Saudações.

C. Novos—B. Alves: Recebemos a lista. Muito bem. Contamos com os amigos.

ESPECTACULOS

Casino — Este theatro com a sua *troupe* de variedade vai chamando cada vez mais a attenção do publico.

Hoje, programma attrahente.

Radium — Este elegante cinematographo continúa a ser o ponto predilecto das familais.

Se o publico quizer passar um bom quarto de hora, deve ir ao *Radium*.

Moulin—Continuam a ser muito frequentados os espectaculos.

Esta semana estrearam se diversos numeros que agradaram aos frequentadores deste genero de espectaculos.

Hoje, variado programma.

"A LANTERNA" em Botucatò

Aqui, ultimamente, nada tem occorrido de notavel, a não ser o esforço empregado pela celeberrima Legião de S. Pedro, instituição creada pelo fanatico bispo para queimar todos os exemplares d'*A Lanterna* que aqui chegam, e o consta que os frades aqui domiciliados estão construindo uma galeria subterranea, communicando o convento onde residem com o pardieiro que elles e os fanaticos denominam igreja de S. Benedicto.

Essa gente, em todos os paizes e em todos os tempos, tem manifestado instinctos de *tatú*, pois tem pronunciada tendencia para cavar buracos e esconder-se da luz brilhante que aos poucos se vai derramando por toda a terra, graças aos esforços da sciencia e dos pioneiros do progresso.

2—1—10.

(Correspondente.)

Cartões anticlericaes

O comité da Escola Moderna recebeu do sr. José Selles, de Ribeirão Preto, como dadiva, uns 350 postaes illustrados a cores, edição do semanario anticlerical de Roma, *L'Asino*.

São quatro desenhos, representando um «o fim de Giordano Bruno, segundo Giolitti»; outro, o martyr na fogueira; outro, a escola clerical — um bando de crianças entrando na bocca escancarada dum padre; outro, finalmente, um bispo reluzente de diamantes, representando a pobreza e humildade do Christo.

Vendem-se nesta redacção a 100 réis cada um, em beneficio da Escola Moderna.

PEQUENOS ÉCOS

Boas festas — Recebemos ainda cartões dos srs. Manuel Emilio Teixeira Martins e Monteiro & Tavares, desta capital; João Paranhos, de Porto Alegre; Antonio José da Fonseca Moreira, do Rio; Antonio Ogando Cervinho, de Sete Lagoas; Credo Negrelli, de S. Roque; José Benedicto dos Reis, de Guaratinguetá; Nicola Francesco, de Ribeirão Preto; Henrique Hansen, de Mayrink; Angelo Macatti e Francisco de Paiva, de E. S. do Pinhal; Marçal Ponce Ferret e Francisco Riccioppo, de Uberaba; Gustavo Mahlow e familia e Francisco de Paula Novaes, de S. Simão.

A todos os nossos agradecimentos e os nossos melhores votos de felicidade.

G. Sarracino—Este senhor, proprietario dum importante atelier photographico nosso vizinho, enviou-nos, como cartão de boas festas, a photographia do recanto do largo da Sé onde veem juntar-se as ruas 15 de Novembro e Direita.

Além do edificio onde se acha installada a photographia Sarracino e de outros, vê-se a porta encimada pela nossa taboleta.

Agradecemos a gentileza.

Folheto—Chamamos a attenção dos leitores para o folheto em outro lugar annunciado: *Pela educação e pelo Trabalho*. E' uma despretenciosa mas interessante conferencia que o nosso amigo sr. Adelino de Pinho leu, em 13 de novembro de 1908, na Liga Operaria de Campinas, por occasião do anniversario da escola mantida por aquella sociedade e da qual o autor do opusculo é o professor.

Pacotes de jornaes — A quem recebe pacotes d'*A Lanterna* pedimos o obsequio de indicar o numero exacto de exemplares que deseja receber e de se pôr em dia com esta administração. Esta medida é absolutamente necessaria para a regularização da nossa tiragem e o bom andamento da nossa vida administrativa. Aos que, estando em atraso de mais de quatro numeros, não responderem até á proxima semana, seremos obrigados a suspender a remessa.

De todos esperamos boa vontade.

Assignaturas— Alguns amigos fazem-nos observações sobre o preço das assignaturas, que elles acham elevado e pouco convidativo. Fazemos notar que é o preço da maior parte dos semanarios.

Desejariamos que fossa menor e reconhecemos que ha desproporção entre o preço do exemplar avulso e a assignatura; mas um jornal como o nosso, de propaganda, sem outros recursos além dos que podem vir da sympathia e interesse despertados pelas suas ideias, tem de contar com o favor dos amigos e sympathizantes para poder viver.

A assignatura é, pois, ao mesmo tempo uma contribuição voluntaria, para aquelles que querem favorecer esta publicação e dar-lhe vida.

«Folha do Povo»—Faltando-nos deste jornal os ns. 60 (de 21-22 de maio), 62 (de 23 24) e 65 (de 28-29) muito agradeceriamos a quem quisesse dispor delles em nosso favor, avisando-nos das condições.

Asylo e Creche—A Associação Feminina Beneficente e Instructiva realizou ante-hontem, ao meio dia, um festival para encerramento das aulas do Asylo e Creche, havendo exames, recitação de poesias e comedias e execução de trechos musicaes pela orchestra.

Agradecemos o convite que nos foi feito.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á LANTERNA á **NENO VASCO**.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

Tencionamos facilitar aos nossos leitores a acquisição de obras — livros e opusculos — sobre a questão religiosa e social, que elles poderão, por nosso intermedio, mandar vir de fóra ou obter da bibliotheca que esperamos poder brevemente constituir e alargar. Temos o projecto de editar quanto antes um pequeno catalogo não só das publicações que tivermos em deposito, como das que poderemos encommendar fora para os nossos amigos: livros, opusculos, revistas, periodicos, cartazes illustrados, etc. Assim completaremos a nossa modesta obra de guerrilheiros, proporcionando aos anticlericaes e livres-pensadores fontes de estudo, meios de se tornarem cada vez mais conscientes das ideias de liberdade de que são defensores.

Entretanto, temos já á venda:

TIERRA LIBRE, fantasia communista, por Juan Grave, em hespanhol
Edição da *Escuela Moderna*, de F. Ferrer
Preço: 2$000
Elegante volume de 200 pag. encadernado em percalina

Pela Educação e pelo Trabalho, Adelino Pinho.	
Os Amassadores (novella), Gorki	200
A Mulher e o Militarismo, D. Nieuwenhuis	100
A Peste Religiosa, J. Most	100
Religião da Morte, H. Salgado	1$200
Os Apostolos, Renan	3$500
Vida de Jesus, »	3$500
S. Paulo, »	3$700
Monismo, »	1$200

N. B. — E' natural que, não tendo nós capital para empregar na bibliotheca, todos os pedidos DEVEM SER ACOMPANHADOS DA RELATIVA IMPORTANCIA, sem o quê não poderão ser satisfeitos, visto termos de pagar adiantadamente ás livrarias ou editores.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14.

Ribeirâo Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 100 réis o numero avulso.

Publicaçóes periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Rénovée

Revista quinzenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionaes e praticos.

Redactores: Charles Albert e Maurice Dubois — 61, Rue du Cardinal Lemoine, Paris (V) — Assignatura annual: **5$000.**

NOTA. — Depois do assassinato de Ferrer, que fazia face á maior parte dos gastos desta publicação, *L'Ecole Rénovée* tem a vida menos segura e depende do numero de assignantes. Todos aquelles que querem honrar a memoria de Ferrer, contribuindo para a continuação de suas obras, todos os professores estudiosos e amantes da pedagogia nova e da sua propria missão, concorram com o seu esforço para a vida desta revista, assignando a.

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: **3$000.**

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: **5$000.**

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: **2$000.**

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: **1$500.**

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: **2$500.**

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. — Cada exemplar: **100 reis.**

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyanthea publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO